

A ATUALIZAÇÃO DA CRÍTICA DO VALOR: ANSELM JAPPE E O *CRÉDITO À MORTE*

Eduardo Altheman Camargo Santos^a

Crédito à morte – A decomposição do capitalismo e suas críticas reúne onze ensaios publicados entre 2007 e 2010 pelo filósofo e ensaísta alemão Anselm Jappe (1962–) e traduzidos por Robson J. F. de Oliveira.

Membro do grupo *Krisis* e da revista *Exit!*, dos quais Robert Kurz (1943–2012) e Moishe Postone (1942–) são os maiores expositores e divulgadores, Jappe, seguindo a tradição da autointitulada “crítica do valor”, realiza, nas quase duzentas e cinquenta páginas da coletânea, uma incursão no funcionamento e na crise tanto do capitalismo contemporâneo como também de suas críticas; incursão que tem como foco comprovar a relevância e a atualidade da crítica do valor e de sua capacidade, após vinte anos de sua aparição, de responder aos impasses contemporâneos do capitalismo.

A edição original (francesa) da obra – na qual se fundamenta a tradução brasileira – optou por dividir os onze ensaios em três partes: a primeira, intitulada *Pars destruens*, reúne quatro artigos publicados em revistas francesas e dedica-se a analisar o aprofundamento da crise – ou da decomposição – do capitalismo e algumas de suas consequências; já a segunda, *Pars construens*, trata de algumas respostas fornecidas para esses impasses do capitalismo e reúne a tradução de outros quatro artigos, também publicados em francês; por último, a terceira parte, nomeada *Pars ludens*, lida com a questão da arte e da cultura no momento de declínio do capitalismo. Essa última parte traz ao público brasileiro dois ensaios, sendo um deles resultado de uma conferência proferida por Jappe, no México, em 2008, e o outro uma publicação no catálogo da nona bienal de arte contemporânea de Lyon.

Já no Prefácio, assinado por Olgária Matos, a filósofa busca mostrar como, segundo Jappe, o domínio do trabalho morto, da abstração e da quantificação, da valorização ininterrupta e sem fronteiras do valor e o espraiamento do fetichismo da mercadoria para a ciência e inclusive para as supostas críticas do capitalismo delineiam um diagnóstico da crise do capitalismo – crise essa que é imanente, isto

a Mestre em Sociologia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

é, decorre do próprio movimento autônomo do capital, e faz sentir seus efeitos em diversas esferas da vida social. “Nessa rede de fetichismos, as reflexões de Anselm Jappe inscrevem-se no campo da crítica da sociedade capitalista contemporânea, em que o crédito é crédito à morte pelos efeitos desagregadores do mercado e sua lógica da ilimitação” (MATOS, 2013, p. 14-15), conclui. Coloca-se, nesse sentido, nas trilhas do marxismo ocidental, bebendo nas fontes de pensadores como Georg Lukács, Max Horkheimer e Theodor Adorno – embora essa influência não seja tomada acriticamente – afastando-se de temas clássicos do marxismo, como o de “luta de classes” ou de “mais-valia”, caros às II e III Internacionais.

Podemos seguir a sugestão do próprio autor para compreender a divisão de seus ensaios e o que os une. Jappe sugere uma nomenclatura alternativa aos títulos das diferentes partes, segundo a qual a primeira parte poderia ser intitulada simplesmente “não”, isto é, a negação de tudo aquilo que se propunha a ser uma resposta e uma explicação aos eventos críticos do capitalismo, no início do século XXI. Reunindo os ensaios “Crédito à morte” (2009), “Violência, mas para quê?” (2009), “Política sem política” (2008) e “A princesa de Clèves, hoje” (2007) – na ordem inversa à edição francesa, diga-se de passagem –, essa parte da coletânea se aprofunda na análise da rápida (embora não inteiramente surpreendente) aparição da crise de 2008, com seus alardeados efeitos nefastos e deletérios, e de sua ainda mais rápida “superação”, isto é, do célere retorno ao *business as usual*. As críticas de Jappe são contundentes: o Novo Partido Anticapitalista francês, intelectuais como Alain Badiou, Toni Negri e Slavoj Žižek, o jornal *Le Figaro*, bourdieusianos e altermundialistas, ninguém passa incólume pela minuciosa análise de Jappe, que mostra como todos esses seriam incapazes de levar a cabo uma crítica radical dos impasses trazidos pelo movimento incessante de valorização do valor. Como resposta, há uma reconstrução detalhada que mostra como a crise atual do capitalismo, seja em sua vertente econômica, ecológica, seja energética, está fundada nas contradições da forma-valor, no trabalho abstrato e na forma mercadoria.

A segunda parte, de acordo com a nomenclatura alternativa de Jappe, “talvez”, indica algumas reações à crise e ao capitalismo que merecem ser consideradas, embora ainda padeçam de algumas falhas fundamentais. Nos artigos “O ‘lado obscuro’ do valor e do dom” (2009), “*Common decency*’ ou corporativismo? Observações sobre a obra de Jean-Claude Michéa” (2010), “Decrescentes, só mais um esforço...!” (2009) e “De uma utopia a outra” (2010), Jappe busca um diálogo crítico, por exemplo, com os teóricos do MAUSS (Movimento Antiutilitarista em Ciências Sociais), com o filósofo francês Jean-Claude Michéa, com o movimento francês *Decroissance* e seu mentor Serge Latouche, entre outros. Jappe busca,

assim, fundar uma crítica que sirva de base para uma inversão da ideia de utopia, mostrando como, na verdade, não precisamos ser utópicos para criticar o capitalismo, mas, ao contrário, notar que “[...] se existe realmente uma utopia realmente realizada nos dois últimos séculos, é de fato a capitalista” (JAPPE, 2013, p. 200) e sua naturalização do mercado e do *homo economicus*.

A terceira e última parte, contendo os ensaios “O gato, o rato, a cultura e a economia” (2009) e “Será que existe arte depois do fim da arte?” (2007), busca levar adiante o conceito frankfurtiano de indústria cultural. Jappe tem como alvo, dessa vez, as posturas multiculturais e supostamente democratizantes no interior do campo cultural, segundo as quais não haveria diferenças qualitativas imanentes entre distintas obras de arte, mas tão somente tentativas de diferenciação social por meio de poder simbólico e *status*, argumentando, para tal, que é o mercado e o capital que operam pela abstração do qualitativo e pela quantificação generalizada.

Jappe se propõe, nos ensaios como um todo, a levar a cabo a tarefa de atualizar os conceitos marxistas capazes de compreender o complexo momento contemporâneo de crise estrutural e decomposição do capitalismo como um todo e, assim, fornecer um diagnóstico crítico que de fato possa atingir o âmago da questão, e não ficar preso nas ciladas das críticas multiculturais que se dirigem às aparições fenomênicas ou aos epifenômenos do capitalismo e que se mostram, nesse sentido, estéreis, românticas ou até mesmo “[...] caminham de mãos dadas com o capitalismo para o mesmo lixo da história” (JAPPE, 2013, p. 19).

Um dos pontos altos da coletânea está justamente em mostrar como essas críticas, ao abrir mão da crítica profunda ao capitalismo, das noções de “fetichismo da mercadoria”, de “sujeito autômato” ou de “valorização do valor”, são incapazes de analisar devidamente os impasses contemporâneos do capital, de seu movimento imanente e de suas consequências para os mais distintos campos da vida social. Nos termos de Jappe, sua teoria (e aquela iniciada pelo grupo *Krisis*) de fato é incapaz de fornecer soluções imediatas ou guias positivos para a atuação política, mas “[...] ao menos dá a possibilidade de manter aberta uma perspectiva que vai além das inumeráveis propostas na atualidade que visam a mudar o presente sem ter que mudar nada” (JAPPE, 2013, p. 26). As teorias altermundistas, multiculturistas ou decrescentes, por outro lado, procurariam muito mais remediar as contradições internas ao capitalismo, oferecer pequenas (e falsas) reconciliações e fornecer soluções paliativas para suas consequências internas do que colocar em xeque o sistema como um todo, afinal, como nos mostra Jappe (2013, p. 30), “não há como escapar dos constrangimentos estruturais do sistema democratizando o acesso a suas funções”.

Outra grande contribuição fornecida pela obra reside nos alcances proporcionados pela abordagem interdisciplinar de Jappe, conjugando elementos da teoria social com outros da filosofia, economia, psicanálise, entre outros. Tem-se, dessa maneira, um abrangente diagnóstico da crise do capitalismo, em suas múltiplas determinações, sejam elas referentes ao declínio da composição orgânica do capital e da tendência à queda da taxa de lucro, sejam elas referentes ao fetichismo da esfera cultural, sejam ainda próprias ao movimento de regressão antropológica à barbárie ou à infantilização generalizada e narcisista do “eu” no contemporâneo.

No entanto, uma das falhas da obra consiste em buscar explicar a crise econômica que se deflagrou em 2008 sem discorrer sobre um dos mais importantes protagonistas mundiais desse momento, a saber, a China – sem mencionar o papel dos BRICs de maneira geral. Desconsiderando muito brevemente o papel desempenhado pela maciça extração de mais-valia (seja ela absoluta ou relativa) em patamares extraordinários, Jappe perde a oportunidade de fornecer um diagnóstico mais holístico da crise, de sua emergência e de seu funcionamento. Dessa maneira, sua explicação perde parte de sua radical força analítica e crítica.

De qualquer maneira, encontra-se no livro um ousado e bem-sucedido intento de realização e atualização da crítica implacável a tudo o que existe, como afirmou Marx, há mais de um século.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- JAPPE, Anselm. *Crédito à morte – A decomposição do capitalismo e suas críticas*. São Paulo: Hedra, 2013.
- MATOS, Olgária. Prefácio. In: JAPPE, Anselm. *Crédito à morte – A decomposição do capitalismo e suas críticas*. São Paulo: Hedra, 2013. p. 9-15.

Recebido para publicação em 30/10/13. Aceito para publicação em 10/11/13.